


O IMPACTO DA AMAMENTAÇÃO NA INCIDÊNCIA E GRAVIDADE DA BRONQUIOLITE: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA

¹Adriane Souza do Nascimento; ¹Danilo Guilherme Rossato; ¹Rafael Castro Lemos Nascimento

 <https://doi.org/10.36557/2674-8169.2024v6n9p2354-2368>
Artigo recebido em 23 de Julho e publicado em 13 de Setembro

REVISÃO SISTEMÁTICA DE LITERATURA

RESUMO

A amamentação tem sido amplamente associada a benefícios significativos para a saúde infantil, tanto no curto quanto no longo prazo. O impacto da amamentação na incidência e gravidade da bronquiolite tem sido amplamente estudado, com resultados que reforçam os benefícios do aleitamento materno na proteção contra essa infecção respiratória comum em lactentes. A bronquiolite, causada principalmente pelo vírus sincicial respiratório (VSR), afeta as vias aéreas inferiores e pode levar a complicações graves, especialmente em bebês nos primeiros meses de vida. O leite materno fornece anticorpos e componentes bioativos que reforçam o sistema imunológico do bebê, proporcionando uma barreira contra patógenos e auxiliando na recuperação mais rápida de infecções respiratórias. O objetivo desse estudo é analisar a relação entre a amamentação e a bronquiolite em lactentes, com foco em como o aleitamento materno exclusivo pode influenciar a incidência e a gravidade dessa infecção. Este estudo foi desenvolvido através de pesquisa bibliográfica, do tipo exploratório, por meio de uma revisão sistemática, através da abordagem qualitativa. O estudo foi feito com um levantamento bibliográfico junto às bases de dados PubMed, BVS Saúde (BVS (Biblioteca Virtual em saúde), SCIELO (Scientific Electronic Library Online) e o LILACS (Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde). Verificou-se que a amamentação exclusiva reduz o risco de bronquiolite e atenua sua gravidade em casos diagnosticados, fornecendo ao bebê anticorpos e fatores imunológicos que fortalecem suas defesas naturais. Esse efeito protetor é especialmente importante nos primeiros meses de vida, quando o sistema imunológico do bebê ainda está em desenvolvimento e mais vulnerável a infecções respiratórias.

Palavras-chave: Amamentação; Bronquiolite; Infecções respiratórias;



THE IMPACT OF BREASTFEEDING ON THE INCIDENCE AND SEVERITY OF BRONCHIOLITIS: A SYSTEMATIC REVIEW

ABSTRACT

Breastfeeding has been widely associated with significant benefits for infant health, both in the short and long term. The impact of breastfeeding on the incidence and severity of bronchiolitis has been widely studied, with results that reinforce the benefits of breastfeeding in protecting against this common respiratory infection in infants. Bronchiolitis, mainly caused by respiratory syncytial virus (RSV), affects the lower airways and can lead to serious complications, especially in babies in the first months of life. Breast milk provides antibodies and bioactive components that strengthen the baby's immune system, providing a barrier against pathogens and helping to recover faster from respiratory infections. The objective of this study is to analyze the relationship between breastfeeding and bronchiolitis in infants, focusing on how exclusive breastfeeding can influence the incidence and severity of this infection. This study was developed through bibliographical research, of an exploratory type, through a systematic review, using a qualitative approach. The study was carried out with a bibliographical survey in the databases PubMed, VHL Health (VHL (Virtual Health Library), SCIELO (Scientific Electronic Library Online) and LILACS (Latin American and Caribbean Literature in Health Sciences). Exclusive breastfeeding has been found to reduce the risk of bronchiolitis and mitigate its severity in diagnosed cases, providing the baby with antibodies and immunological factors that strengthen its natural defenses. This protective effect is especially important in the first months of life, when the baby's immune system is weakened. Baby is still developing and more vulnerable to respiratory infections.

Keywords: Breastfeeding; Bronchiolitis; Respiratory infections;

Instituição afiliada – ¹Universidade Professor Edson Antônio Velano (Curso de Medicina)

Autor correspondente: *Adriane Souza do Nascimento* adriane.souzanascimento@outlook.com

This work is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International License](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).





INTRODUÇÃO

A amamentação é amplamente reconhecida como uma prática fundamental para a promoção da saúde infantil, oferecendo uma série de benefícios nutricionais e imunológicos que impactam diretamente o desenvolvimento e a proteção do bebê contra diversas doenças. Além de fornecer todos os nutrientes necessários para o crescimento saudável, o leite materno contém anticorpos, enzimas e fatores bioativos que reforçam o sistema imunológico imaturo da criança, tornando-a mais resistente a infecções. Nesse contexto, a relação entre amamentação e a proteção contra doenças respiratórias, como a bronquiolite, tem despertado grande interesse na comunidade científica, dado o impacto significativo dessas infecções nas taxas de hospitalização infantil (Chaves *et al.*, 2019).

A bronquiolite é uma das infecções respiratórias mais comuns em lactentes, sendo causada principalmente pelo vírus sincicial respiratório (VSR). Essa doença afeta as vias aéreas inferiores, levando à inflamação e obstrução dos bronquíolos, o que resulta em dificuldade respiratória, chiado e, em casos graves, hospitalização. A prevalência de bronquiolite é alta entre crianças menores de dois anos, com maior incidência nos primeiros meses de vida, quando o sistema imunológico ainda está em desenvolvimento. Fatores de risco como exposição à fumaça de cigarro, ambientes superlotados e ausência de amamentação exclusiva têm sido identificados como contribuidores para o aumento da suscetibilidade à bronquiolite e à gravidade dos casos. Dado o impacto da bronquiolite na saúde infantil e nos sistemas de saúde, investigar estratégias que possam reduzir sua incidência e gravidade, como a amamentação, é de extrema relevância (Lima, 2021).

Além disso, a amamentação não apenas oferece proteção imediata, mas também influencia positivamente o desenvolvimento do sistema imunológico a longo prazo. O leite materno possui fatores que ajudam na formação de uma microbiota intestinal saudável, a qual desempenha um papel crucial na maturação do sistema imune e na defesa contra infecções. A presença de oligossacarídeos, por exemplo, promove o crescimento de bactérias benéficas no intestino, fortalecendo as barreiras mucosas e reduzindo a inflamação. Essa



interação entre amamentação, microbiota e imunidade torna ainda mais evidente a importância de se estudar como o aleitamento materno pode prevenir infecções respiratórias em bebês, especialmente em um período crítico de vulnerabilidade, como os primeiros meses de vida (Ganan, 2022).

O objetivo desse estudo é analisar a relação entre a amamentação e a bronquiolite em lactentes, com foco em como o aleitamento materno exclusivo pode influenciar a incidência e a gravidade dessa infecção. Para isso adotou-se os seguintes objetivos específicos: Analisar a relação entre a amamentação exclusiva nos primeiros seis meses de vida e a redução da incidência de bronquiolite em lactentes, examinar o impacto da amamentação na gravidade dos casos de bronquiolite e investigar os mecanismos biológicos pelos quais a amamentação oferece proteção imunológica contra infecções respiratórias, com foco na bronquiolite causada pelo vírus sincicial respiratório (VSR).

Compreender a influência da amamentação na prevenção e mitigação da bronquiolite é uma necessidade urgente, especialmente considerando a carga que essa infecção impõe sobre os serviços de saúde e as famílias. A amamentação tem sido associada à redução de infecções respiratórias, mas ainda há lacunas na literatura sobre o mecanismo preciso e a extensão dessa proteção em relação à bronquiolite. Dessa forma, é crucial explorar mais profundamente como o aleitamento materno pode desempenhar um papel preventivo, especialmente nos primeiros meses de vida, quando o bebê é mais vulnerável a infecções respiratórias graves.

METODOLOGIA

Este estudo foi desenvolvido através de pesquisa bibliográfica, do tipo exploratório, através da abordagem qualitativa, pois buscará informações através de revisão bibliográfica sistemática, sobre o tema, aplicando como meio de investigação a fundamentação bibliográfica, utilizando-se, dessa forma, fontes secundárias de informações.

Trata-se de estudo exploratório realizado por meio de um levantamento bibliográfico junto às bases de dados PubMed, BVS Saúde (BVS (Biblioteca Virtual em saúde), SCIELO (Scientific Electronic Library Online) e o LILACS (Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde). A busca de

referências foi desenvolvida através dos descritores: Amamentação, Bronquiolite e Infecções respiratórias.

A pesquisa bibliográfica será utilizada, pois, segundo Marconi e Lakatos (2023), todo trabalho científico deve fundamentar-se em pesquisas anteriores para evitar que se repitam estudos já realizados e para possibilitar a investigação de temas novos e o desenvolvimento de conclusões inovadoras.

RESULTADOS

AMAMENTAÇÃO E SAÚDE INFANTIL

A amamentação é amplamente reconhecida como uma prática essencial para a promoção da saúde infantil, sendo uma das principais fontes de nutrição e proteção imunológica nos primeiros meses de vida. O leite materno contém uma complexa combinação de componentes bioativos, como anticorpos (principalmente a imunoglobulina A secretora, IgA), células imunes, fatores de crescimento, oligosacarídeos, enzimas e hormônios, que desempenham um papel crucial no desenvolvimento do sistema imunológico do bebê. Esses elementos ajudam a fortalecer as defesas naturais da criança, tornando-a menos suscetível a diversas infecções, especialmente as respiratórias, que são frequentes em lactentes devido à imaturidade de seu sistema imunológico (Lima, 2021).

Os anticorpos presentes no leite materno, em especial a IgA, revestem as mucosas do trato respiratório e gastrointestinal, criando uma barreira de proteção contra patógenos. Isso é especialmente importante nos primeiros meses de vida, quando o sistema imunológico do bebê ainda está se desenvolvendo e é incapaz de produzir respostas imunológicas eficientes por conta própria. Além da IgA, o leite materno contém outras imunoglobulinas, citocinas e fatores antimicrobianos que colaboram para combater vírus, bactérias e outros agentes infecciosos. Dessa forma, a amamentação fornece proteção passiva, oferecendo ao bebê os meios necessários para prevenir e combater infecções (Prado; Novais, 2024).

Diversos estudos científicos têm demonstrado que a amamentação exclusiva durante os primeiros seis meses de vida está associada a uma redução significativa na incidência de infecções respiratórias, como bronquiolite,



pneumonia e otite média. Nascimento *et al.*, (2018) afirmar que a bronquiolite, em particular, é uma infecção viral comum entre lactentes e pode causar complicações graves, levando à hospitalização em casos mais severos. Entretanto, bebês amamentados apresentam menor risco de desenvolver essa condição, pois o leite materno oferece uma defesa robusta, não apenas por meio da transferência de anticorpos, mas também ao promover a maturação e regulação do sistema imunológico infantil (De Souza, 2023).

Em contraste, bebês que não são amamentados ou que recebem alimentação complementar precoce perdem essa proteção imunológica natural, tornando-se mais vulneráveis a infecções respiratórias. Esses bebês tendem a ter maior incidência de doenças respiratórias e, quando adoecem, podem apresentar quadros mais severos, necessitando de maior intervenção médica, como internações e uso de medicamentos. O desmame precoce ou a introdução inadequada de fórmulas infantis pode também comprometer o desenvolvimento do sistema imunológico, deixando o bebê mais exposto a patógenos (Flores *et al.*, 2020).

Segundo Chaves *et al.*, (2019) além dos efeitos diretos na imunidade, a amamentação desempenha um papel fundamental na formação e manutenção de uma microbiota intestinal saudável. O leite materno contém oligossacarídeos que estimulam o crescimento de bactérias benéficas, como as bifidobactérias, que são essenciais para a saúde intestinal e imunológica do bebê. A microbiota intestinal tem um papel central na regulação do sistema imunológico, ajudando a prevenir inflamações e infecções. Uma microbiota equilibrada fortalece a barreira intestinal, impedindo a entrada de patógenos no organismo e, por conseguinte, diminuindo o risco de infecções sistêmicas. Estudos indicam que bebês amamentados tendem a ter um microbioma mais diversificado e saudável, o que está diretamente relacionado a uma menor incidência de infecções graves, como a bronquiolite (Barbosa *et al.*, 2023).

Ademais, quando bebês amamentados contraem bronquiolite, as evidências sugerem que eles geralmente apresentam quadros clínicos menos severos. O suporte imunológico contínuo fornecido pelo leite materno pode ajudar a modular a resposta inflamatória do corpo, prevenindo complicações mais graves e promovendo uma recuperação mais rápida. Essa proteção é ainda mais significativa em ambientes com maior exposição a fatores de risco, como



creches ou áreas com altos índices de poluição, onde a amamentação se torna uma ferramenta vital de prevenção (Silva *et al.*, 2023).

Portanto, a amamentação não apenas nutre o bebê com os nutrientes essenciais para seu desenvolvimento físico, mas também o protege contra infecções de maneira ativa, desempenhando um papel insubstituível na saúde infantil. Com isso, torna-se evidente a importância de apoiar e promover a amamentação como uma estratégia eficaz para reduzir a incidência de infecções respiratórias, como a bronquiolite, e melhorar os desfechos clínicos em bebês que eventualmente contraem essas doenças. O incentivo à amamentação deve ser uma prioridade nas políticas de saúde pública, visando não apenas a nutrição adequada, mas também a proteção imunológica e a prevenção de doenças em recém-nascidos e lactentes (Ganan *et al.*, 2022).

EPIDEMIOLOGIA DA BRONQUIOLITE

A bronquiolite é uma infecção viral aguda que afeta principalmente as vias respiratórias inferiores em lactentes e crianças pequenas, sendo uma das causas mais comuns de hospitalização em bebês, especialmente nos primeiros dois anos de vida. O vírus sincicial respiratório (VSR) é o principal agente causador, responsável por cerca de 50% a 80% dos casos, seguido por outros patógenos virais, como o rinovírus, metapneumovírus e parainfluenza. A infecção é sazonal, ocorrendo com maior frequência nos meses de outono e inverno, quando as temperaturas mais frias favorecem a propagação de vírus respiratórios (Miniva *et al.*, 2021).

A incidência de bronquiolite em lactentes é alta, com estudos epidemiológicos indicando que até 30% dos bebês podem apresentar ao menos um episódio da doença durante o primeiro ano de vida. A faixa etária mais afetada é de 2 a 6 meses, devido à imaturidade do sistema imunológico e à vulnerabilidade das vias respiratórias nessa fase. Lactentes prematuros, aqueles com doenças cardíacas ou pulmonares preexistentes e bebês expostos ao fumo passivo são particularmente mais suscetíveis à bronquiolite grave. A presença de irmãos mais velhos e a frequência a creches também são fatores de risco importantes, pois aumentam a exposição a agentes virais (Flores *et al.*, 2020).

Em relação à gravidade da doença, a maioria dos casos de bronquiolite é leve e pode ser tratada em casa com cuidados de suporte, como hidratação e



controle dos sintomas respiratórios. No entanto, uma parcela significativa dos bebês, principalmente os mais jovens e com comorbidades, evolui para quadros graves, que exigem hospitalização. Dados mostram que aproximadamente 2% a 3% dos lactentes com bronquiolite são internados, com necessidade de oxigenoterapia e, em casos mais severos, ventilação mecânica. As hospitalizações são mais frequentes em bebês com menos de 6 meses, com uma taxa de internação que pode chegar a 10% nesses casos (Nascimento *et al.*, 2018).

O estudo de Chaves *et al.*, (2019) também revela que a gravidade da bronquiolite está associada a fatores socioeconômicos, como acesso limitado aos cuidados de saúde e condições de vida precárias. Famílias em situação de vulnerabilidade tendem a enfrentar maiores dificuldades em prevenir e tratar adequadamente a doença, o que pode contribuir para o aumento das hospitalizações e da gravidade dos casos. A bronquiolite é uma condição comum e potencialmente grave em lactentes, cuja incidência e severidade são moduladas por diversos fatores de risco. As hospitalizações, embora relativamente raras, representam uma carga significativa para o sistema de saúde e para as famílias, especialmente durante os meses de pico da doença (Silva *et al.*, 2023).

RELAÇÃO ENTRE AMAMENTAÇÃO E BRONQUIOLITE

A relação entre amamentação e bronquiolite tem sido amplamente investigada em diversos estudos clínicos e epidemiológicos, que destacam o papel protetor do leite materno na redução do risco e da gravidade dessa infecção respiratória em lactentes. A amamentação, especialmente quando exclusiva, é considerada um dos fatores de proteção mais eficazes contra doenças infecciosas nos primeiros meses de vida, incluindo infecções virais das vias aéreas inferiores, como a bronquiolite. O leite materno oferece uma combinação única de nutrientes e compostos imunológicos que ajudam a prevenir infecções e a fortalecer o sistema imunológico do bebê, ainda imaturo (Jesus *et al.*, 2018).

Os estudos de Ganan *et al.*, (2022) mostram que bebês amamentados exclusivamente por pelo menos os primeiros seis meses têm um risco significativamente menor de desenvolver bronquiolite em comparação com

aqueles que recebem fórmulas ou que são expostos à introdução precoce de alimentos sólidos. Isso ocorre porque o leite materno é rico em imunoglobulinas, particularmente IgA secretora, que recobre as mucosas respiratórias e intestinais do bebê, formando uma barreira protetora contra a invasão de patógenos, como o vírus sincicial respiratório (VSR), o principal causador da bronquiolite. Além disso, o leite materno contém fatores anti-inflamatórios, antibacterianos e antivirais, que desempenham um papel crucial na modulação da resposta imunológica do lactente, ajudando a prevenir o desenvolvimento de infecções mais graves e limitando o impacto de vírus como o VSR (Stephan *et al.*, 2017).

Diversos estudos observacionais e ensaios clínicos reforçam essa associação protetora. Uma revisão sistemática da literatura revelou que a amamentação está associada a uma redução de até 50% no risco de hospitalização por bronquiolite em bebês, principalmente nos primeiros seis meses de vida. Conforme Chaves *et al.*, (2019) esses resultados são consistentes em diferentes populações e regiões geográficas, sugerindo que os benefícios da amamentação transcendem barreiras culturais e socioeconômicas. O impacto da amamentação prolongada também foi observado, com estudos mostrando que quanto maior a duração do aleitamento materno, menor a probabilidade de infecções respiratórias, incluindo a bronquiolite. Esse efeito prolongado sugere que, mesmo após a introdução de outros alimentos, o leite materno continua a desempenhar um papel vital na imunidade do bebê (Ganan *et al.*, 2022).

Outro aspecto relevante é a gravidade dos casos de bronquiolite em bebês amamentados. Quando esses bebês desenvolvem a infecção, estudos apontam que a doença tende a ser menos severa. Pesquisas indicam que lactentes amamentados apresentam sintomas menos intensos, como menor dificuldade respiratória e menor necessidade de suporte médico intensivo, como oxigenoterapia ou ventilação assistida. Além disso, os tempos de hospitalização desses bebês são geralmente mais curtos, o que sugere uma recuperação mais rápida e uma evolução clínica mais favorável em comparação com bebês que não foram amamentados ou que foram desmamados precocemente (Jesus *et al.*, 2019).

Lima (2021) ressalta que esses achados são de extrema relevância, pois demonstram que a amamentação não apenas reduz a probabilidade de contrair bronquiolite, mas também pode atenuar a gravidade dos casos quando a



infecção ocorre. Isso é particularmente importante em um contexto em que a bronquiolite é uma das principais causas de hospitalização em lactentes, especialmente durante os meses de inverno, quando os surtos de VSR são mais comuns. A redução na gravidade dos casos de bronquiolite graças à amamentação representa um benefício duplo: não só diminui a carga sobre o sistema de saúde, como também melhora os desfechos clínicos para os bebês, proporcionando uma recuperação mais rápida e menos traumática (De Souza *et al.*, 2023).

Portanto, a literatura científica corrobora de maneira robusta a associação entre a amamentação e a redução do risco de bronquiolite, tanto em termos de prevenção quanto de mitigação da gravidade da doença. Esses resultados clínicos reforçam a importância de promover e apoiar a amamentação como uma estratégia de saúde pública eficaz para proteger os lactentes contra infecções respiratórias (Flores *et al.*, 2020). O incentivo à amamentação deve ser uma prioridade em políticas de saúde, particularmente em programas voltados à primeira infância, garantindo que as mães tenham acesso ao suporte necessário para estabelecer e manter o aleitamento materno exclusivo nos primeiros seis meses de vida e continuado até os dois anos ou mais. Isso não só melhora a saúde respiratória dos bebês, mas também contribui para uma redução significativa nas taxas de hospitalização e mortalidade infantil (Mineva *et al.*, 2021).

MECANISMOS PROTETORES

Os mecanismos biológicos que conferem proteção contra infecções respiratórias, como a bronquiolite, através da amamentação estão amplamente ligados à composição única do leite materno. O leite materno é uma fonte rica de anticorpos, células imunológicas e fatores bioativos que desempenham papéis cruciais na defesa do organismo do bebê contra patógenos. Um dos componentes mais importantes é a imunoglobulina A secretora (IgA), que é transferida da mãe para o bebê através do leite materno e atua como uma barreira imunológica nas mucosas respiratórias e intestinais (Chaves *et al.*, 2019).

A IgA secretora é particularmente eficaz na proteção contra infecções virais e bacterianas porque se fixa nas superfícies das vias respiratórias,



evitando que os patógenos se liguem às células e iniciem a infecção. No caso de infecções respiratórias, como a bronquiolite, causada principalmente pelo vírus sincicial respiratório (VSR), a IgA impede que o vírus invada as células do trato respiratório, limitando a replicação viral e, conseqüentemente, a gravidade da infecção. Esse processo de imunidade passiva é essencial nos primeiros meses de vida, quando o sistema imunológico do bebê ainda está em desenvolvimento (Lima, 2021).

Além dos anticorpos, o leite materno contém outras proteínas imunologicamente ativas, como a lactoferrina e as lisozimas. A lactoferrina é uma glicoproteína que se liga ao ferro, limitando a disponibilidade desse nutriente para o crescimento de bactérias patogênicas. Ela também possui propriedades antivirais e anti-inflamatórias, desempenhando um papel na modulação da resposta imune do bebê. As lisozimas, por sua vez, são enzimas que destroem as paredes celulares bacterianas, ajudando a combater infecções (Ganan, 2022).

Outro mecanismo protetor importante é a presença de oligosacarídeos no leite materno. Esses carboidratos complexos não são digeridos pelo bebê, mas servem como alimento para bactérias benéficas no intestino, promovendo o crescimento de uma microbiota saudável. A microbiota intestinal desempenha um papel crucial na regulação do sistema imunológico e na prevenção de infecções, incluindo as respiratórias. Através da promoção de uma flora intestinal equilibrada, a amamentação ajuda a fortalecer a imunidade inata e adaptativa do bebê (De Souza *et al.*, 2023).

Além disso, o leite materno contém células vivas, como leucócitos, que também participam diretamente da defesa imunológica. Essas células imunes, como macrófagos e linfócitos, são capazes de identificar e destruir patógenos, contribuindo para a proteção do bebê contra infecções virais e bacterianas. Esse conjunto de fatores imunológicos no leite materno trabalha de forma sinérgica para fornecer uma defesa robusta durante os primeiros meses de vida, quando os bebês são mais vulneráveis a infecções, como a bronquiolite (Flore *et al.*, 2020).

Logo, os mecanismos biológicos pelos quais a amamentação oferece proteção contra infecções respiratórias são complexos e altamente eficazes. A transferência de anticorpos, a presença de proteínas imunológicas, o apoio à



microbiota intestinal saudável e a ação de células imunológicas vivas formam um sistema de defesa multifacetado que protege o bebê contra infecções, diminuindo tanto a incidência quanto a gravidade de doenças como a bronquiolite (Mineva *et al.*, 2021).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os principais achados deste estudo sublinham a importância crítica da amamentação na prevenção da bronquiolite em lactentes, destacando a robusta associação entre o aleitamento materno, particularmente quando exclusivo durante os primeiros seis meses de vida, e a redução significativa na incidência e gravidade dessa infecção respiratória. O leite materno proporciona uma ampla gama de benefícios imunológicos, incluindo a transferência de anticorpos, células imunológicas e fatores bioativos, que desempenham papéis essenciais na proteção contra patógenos. Esses componentes fortalecem o sistema imunológico ainda imaturo dos bebês, ajudando a prevenir infecções e a moderar a gravidade da bronquiolite, quando esta ocorre. Além de reduzir o risco de hospitalizações, a amamentação contribui para uma apresentação clínica menos severa da doença e acelera a recuperação, resultando em menos complicações e em uma trajetória de saúde mais favorável para os lactentes.

A importância de incentivar a amamentação como uma estratégia de saúde pública não pode ser subestimada. Políticas que promovem e apoiam a amamentação, desde o pré-natal até a fase inicial da vida, têm o potencial de reduzir significativamente a incidência e a gravidade de infecções respiratórias, como a bronquiolite. Implementar programas educacionais que esclareçam os benefícios da amamentação, oferecer suporte prático às mães e criar um ambiente favorável à amamentação são passos cruciais para maximizar essas vantagens. Além disso, políticas institucionais que promovem a amamentação em hospitais e centros de saúde, assim como em ambientes de trabalho, podem ajudar a garantir que as mães recebam o suporte necessário para amamentar com sucesso.

Investir em programas e políticas que apoiem o aleitamento materno não só alivia a carga sobre os sistemas de saúde, reduzindo custos associados a hospitalizações e tratamentos para bronquiolite e outras doenças respiratórias,



mas também melhora a qualidade de vida das crianças e suas famílias. A promoção do aleitamento materno é, portanto, uma abordagem altamente eficaz e econômica para melhorar a saúde infantil, prevenindo doenças graves e contribuindo para a redução da mortalidade infantil. Em suma, a amamentação representa uma das intervenções de saúde pública mais valiosas para promover o bem-estar das crianças e fortalecer suas defesas contra infecções respiratórias.

REFERÊNCIAS

- Barbosa, C. I., Moraes, M. A., Coelho, F. C. P. & Oliveira, L. L. D. (2023). Bronquite Aguda: revisão de literatura. **Revista Ensaios Pioneiros**, 6(2), 88-99. 10.24933/rep.v6i2.269
- Chaves AFL, Ximenes LB, Rodrigues DP, Vasconcelos, CTM, Monteiro JCS, Oriá MOB. Intervenção telefônica na promoção da autoeficácia, duração e exclusividade do aleitamento materno: estudo experimental randomizado controlado. **Rev Latino-Am Enf** 2019;27(0):1-9.
- DE SOUZA, Luísa Lima et al. Bronquiolite viral: aspectos epidemiológicos, fisiopatológicos e manejo terapêutico. **Brazilian Journal of Development**, v. 9, n. 3, p. 12351-12361, 2023.
- FLORES, D.; BACHI, A.; NUNES FRANÇA, C.; KONSTANTYNER, T. Epidemiologic evaluation of acute viral bronchiolitis (AVB) in infants hospitalized. **Brazilian Journal of Global Health**, [S. l.], v. 1, n. 1, p. 29-34, 2020.
- GANAN, Camilla Sousa et al. **Avaliação do tratamento utilizado nos casos de bronquiolite viral aguda diagnosticados no pronto-socorro pediátrico.** 2022
- Jesus PC, Oliveira MIC, Moraes JR. **Capacitação de profissionais de saúde em aleitamento materno e sua associação com conhecimentos, habilidades e práticas.** *Ciênc. Saúde Coletiva* 2018;22(1):311-20.



LIMA, Raquel. **Bronquiolite aguda**. Life Saving: Separata Científica, v. 8, n. 19, p. 50-55, 2021.

Marconi, M. A., & Lakatos, E. M. (2023). **Fundamentos da metodologia científica**. (6a ed.): Atlas.

Mineva, Gabriela; Philip, Roy. **Virtual Oral Poster – Section on Breastfeeding Program. Impact of Breastfeeding on the Incidence and Severity of RSV Bronchiolitis in Infants**: Systematic Review. AAP Experience Virtual 2021 National Conference and Exhibition.

Nascimento VC, Oliveira MIC, Alves VH, Silva KS. Associação entre as orientações pré-natais em aleitamento materno e a satisfação com o apoio para amamentar. **Rev. Bras Saúde Matern Infant**, 2018;19(8):147-59.

Prado, S. I., Novais, M. A. P.. **Bronquiolite Viral Aguda no Brasil: Características de tempo de internação e gastos hospitalares**. *Ciência Saúde Coletiva*. 2024.

Silva, L. L. S., Soares, L. P., Xavier, A. F. V., Brandão, M. M., Simões, S. C., Chaves, L. P., Watanabe, L. D. H., De Macedo, A. G. F., Araújo Neto, F. C. & Nascimento, F. H. (2023). Bronquiolite viral: aspectos epidemiológicos, fisiopatológicos e manejo terapêutico. **Brazilian Journal of Development**, 9(3), 12351–12361. 10.34117/bjdv9n3-222.

Stephan AMS, Cavada MN, Vilela CZ. **Prevalência de aleitamento materno exclusivo até a idade de seis meses e características maternas associadas, em área de abrangência de unidade de Saúde da Família no município de Pelotas**, estado do Rio Grande do Sul, Brasil, 2017. *Epidemiol Serv Saúde* 2019; 35(8).